



Liberdade e democracia: construção da emancipação humana em Paulo Freire¹

Freedom and democracy: construction of human emancipation in Paulo Freire

Sonia Maria Zanezi Peres

Doutoranda em Educação
Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás.
Goiânia, GO – Brasil.
soniazanezi@hotmail.com

Lucia Helena Rincón Afonso

Doutora em Educação
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP.
Marília, SP – Brasil.
luciarincon@gmail.com

Gleison Peralta Peres

Doutorando em Educação
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.
Cuiabá, MT – Brasil.
gleisonpp@hotmail.com

Resumo: Paulo Freire apresentou, em seus estudos, questões pertinentes à educação, abordou as práticas libertadoras e participativas, visando esclarecer que não era possível falar de educação libertadora sem apontar o conceito da pedagogia libertadora. Diante deste cenário, realizamos a pesquisa bibliográfica, com o objetivo de abranger, através da literatura, e exemplificar alguns elementos de compreensão em uma abordagem relacionada aos campos da educação, liberdade e democracia. Buscamos apresentar os resultados e ideias gerais de Paulo Freire e a relação de homens e mulheres da nossa sociedade, os impactos de seus escritos e reflexões para a educação durante sua trajetória intelectual reconhecida mundialmente.

Palavras chave: educação popular; emancipação humana; democracia; liberdade.

Abstract: Paulo Freire presented, in his period of experience, issues relevant to education, when he approached liberating and participatory practices. Paulo Freire seeks to explain by showing us that it was not possible to talk about liberating education, without pointing out the concept of liberating pedagogy. Given this scenario, we carried out a bibliographic research, with the objective of understanding through literature, exemplifying some elements of understanding in an approach to education, freedom and democracy. We seek to present the results of Paulo Freire's general ideas and the relationship of men and women in our society, the impacts of his writings and reflections on education during his intellectual trajectory recognized worldwide.

Keywords: popular education; human emancipation; democracy; freedom.

Cite como

(*ABNT NBR 6023:2018*)

PERES, Sonia Maria Zanezi; AFONSO, Lucia Helena Rincón; PERES, Gleison Peralta. Liberdade e democracia: construção da emancipação humana em Paulo Freire. *Dialogia*, São Paulo, n. 42, p. 1-13, e22376, set./dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/42.2022.22376>.

American Psychological Association (APA)

Peres, S. M. Z., Afonso, L. H. R., & Peres, G. P. (2022, set./dez.). Liberdade e democracia: construção da emancipação humana em Paulo Freire. *Dialogia*, São Paulo, 42, p. 1-13, e 22376. <https://doi.org/10.5585/42.2022.22376>.

¹ Esta pesquisa conta com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/PROSUC II).

Introdução

“Uma educação que não é libertadora faz o oprimido desejar ser opressor”
(Paulo Freire)

Este texto é fruto das discussões e debates realizados em aulas da disciplina “Pensamento Educacional: Estudos Históricos, Políticos, Sociais e Culturais”, ministrada pela Profa. Dra. Lucia Helena Rincón Afonso e pelo Prof. Dr. Aldimar Jacinto Duarte, durante o segundo semestre de 2021 no programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Diante das apresentações e discussões sobre os vários conceitos relacionados à concepção de educação, definiu-se trabalhar com Paulo Freire, por entender ser um autor que abrangeu, em seus estudos, questões convergentes com o entendimento que se tem sobre educação, quando abordou as práticas libertadoras e participativas.

Movido por essa motivação, este texto tem como objetivo contribuir com algumas questões relacionadas ao pensar a participação democrática e às práticas libertárias com as quais a educação popular pode contribuir na formação de sujeitos críticos e reflexivos.

Analisamos, através da pesquisa bibliográfica, leituras de teóricos como Freire (1983, 1987, 1996, 2001, 2003, 2011), Gadotti (2001), Brandão (2003), Arroyo (2000) e Pavan (2008), que nos auxiliaram a compreender a grandiosidade dos conceitos propostos por Paulo Freire.

Por fim, esperamos que este estudo possa contribuir com novas pesquisas em educação, pois a temática, apesar de abordar as discussões da educação durante o século XX, ainda nos dias atuais se faz presente e necessária, particularmente ao se completarem 101 anos do nascimento de Paulo Freire.

Liberdade e Educação: algumas reflexões

Paulo Freire (1983, p. 101) nos apresenta uma reflexão sobre liberdade, que é aquela “entendida como construção de emancipação”, ou seja, princípio da emancipação humana, em uma abordagem sobre educação, liberdade e democracia, tendo como base as potencialidades do ser humano, com postura crítica e reflexiva.

Destacamos a necessidade de se propor uma educação que promova a liberdade dos homens e mulheres, que seja um dos princípios democráticos da justiça, proporcionando uma pedagogia para homens livres.

Quando nos referimos à educação, sob a ótica de uma educação libertária e popular, em busca da construção crítica do sujeito, nossos pensamentos se voltam a Paulo Freire, educador

brasileiro de grande prestígio que, apesar de ter falecido em 1997, ainda é referência mundial quando o assunto é educação, sendo nos dias atuais atacado pelos defensores do pensamento conservador.

A pedagogia que Paulo Freire nos propõe um dos requisitos que é exatamente o reconhecimento dos privilégios da práxis e assim nos remete à pedagogia da liberdade, que apresenta a percepção de que há uma prática educativa que proporciona a participação livre e crítica dos sujeitos envolvidos.

Idealizada como o modo de ser o destino do homem, a pedagogia da liberdade remete a um sentido na história que os homens e mulheres vivem, a participação, para nós, vai além, devemos estar presentes na história e não simplesmente nela estarmos representados.

Essa pedagogia da práxis requer a compreensão de um aspecto essencial em relação à ideia de liberdade, a qual só faz sentido quando partilhada da mesma ideia das lutas concretas dos homens por essa liberdade, trazendo o essencial, que é uma educação conscientizadora, dialógica e emancipadora defendida por Paulo Freire, demonstrando a crença na pessoa humana e na sua capacidade de educar-se como sujeito.

Quanto à relação sobre a existência humana, para Freire (1996) o existir é um conceito dinâmico, que resulta em um diálogo eterno do homem com o homem, deste, o diálogo com o mundo, e do homem com o seu Criador. Diante desse pressuposto, destacamos que a educação dialógica e ativa, quando voltada para a responsabilidade social e política, chega à transitividade crítica que se caracteriza pela profundidade na interpretação dos problemas abordados, e essa posição crítica implica um retorno à verdadeira democracia.

Essa transitividade crítica, característica dos autênticos regimes democráticos, corresponde a formas de vida altamente permeáveis, interrogadoras, inquietas e dialogais, em oposição às que não têm “voz” discursiva.

Paulo Freire (1996) destaca que a democracia se realiza de forma política, assim sendo uma forma de vida, que tem em sua característica de transitividade de consciência no comportamento do homem, destacando que essa transitividade não nasce nem se desenvolve a não ser dentro de certos preceitos em que o homem seja projetado ao debate, às reflexões de seus problemas e dos problemas comuns, em que esteja integrado.

Na reflexão sobre a responsabilidade social e política, Freire (1983) apresenta uma educação em que o diálogo deve ser constante com o outro, pois a democracia resulta de mudanças, os regimes democráticos são flexíveis, inquietos, por isso mesmo devem corresponder aos homens

desses regimes, com maior flexibilidade de consciência, pois entendemos que a democracia é, como o saber, uma conquista de todos.

Freire (1983) nos remete a suas ideias voltadas para uma educação libertária, ou seja, buscando objetivar-se em uma reflexão em relação à contribuição para a educação como prática da liberdade na construção social do sujeito. Indagando-se sobre a importância dessas contribuições para a sociedade, o autor acredita que em um mundo mais humanizado exista a possibilidade de pensar em uma prática pedagógica voltada para a educação popular e em busca da construção crítica do sujeito.

O magnífico trabalho realizado por Freire nos faz refletir sobre como encontrar um caminho para uma educação realmente voltada ao desenvolvimento pleno dos seres humanos e sua realização como cidadãos, sendo de extrema importância suas contribuições ao projeto educacional. Traz também uma orientação sobre conhecimentos que privilegiam o saber contextualizado das diversas culturas, que contribuem para a emancipação social do cidadão crítico, em seu sentido criativo e participativo, vindo a tornar-se sujeito histórico, pois é através da “participação em termos críticos, somente como poderia ser possível a sua transformação em povo, capaz de optar e decidir” (FREIRE, 1983, p. 102).

Estratégias e desafios para uma educação popular e libertadora

Nasceu em Recife, no dia 19 de setembro de 1921, o grande teórico Paulo Reglus Neves Freire, de família muito humilde, presenciou e vivenciou a fome quando criança e anos mais tarde se dedicou à educação popular na defesa dos oprimidos.

Há várias décadas, educadores brasileiros escrevem sobre a necessidade de uma educação justa e democrática, que contribua para a construção do sujeito crítico, combatendo um currículo voltado para uma educação opressora, inibindo toda forma do conhecimento. E Paulo Freire, com seu método, veio para propor mudanças nesse sentido, na estrutura educacional brasileira.

Vimos em Paulo Freire um teórico que se preocupa com as classes pobres e com os/as trabalhadores/as, materializado na sua produção e atuação enquanto professor, político, revolucionário e, acima de tudo, um dos maiores teóricos da cultura e pensadores do século XX.

De acordo com Ghiggi e Gonçalves (2003), Freire é uma expressão da emergência política das classes populares e, com ele, a educação popular é definida como uma filosofia da educação, uma pedagogia, uma práxis e também um campo de saberes e práticas.

A reflexão crítica e a ação como parte de um projeto social tornam a educação uma prática da liberdade enquanto um meio de transformação, trazendo o político e o pedagógico na tentativa

de humanização da própria vida. Vemos a educação sendo uma forma de libertar a sociedade da opressão.

Conforme Ghiggi e Gonçalves (2003), a pedagogia de Freire tem fundamento na teoria do conhecimento, na qual o saber tem um papel emancipador, permitindo a libertação da consciência. Destacam ainda que essa capacidade de conhecer e indagar sobre si próprio é essencial à natureza humana e é através dela que o homem se percebe capaz de criar realidades possíveis.

Nessa mesma perspectiva, Brandão (2003) apresenta Freire como um pensador de grande bagagem, que nos deixou uma significativa contribuição através das suas ideias, escritos e a proposta de um sistema de educação, bem como criou um método de ensino revolucionário na área de alfabetização, principalmente de jovens e adultos.

A educação surgiu na sociedade como atuação em relação à consciência crítica do homem como sujeito histórico, pela busca de sua existência, seus pensamentos, sua criatividade e sua atuação libertária, ampliando seu espaço de entendimento e renovando seu tempo de ação.

Compreendendo que somente através do conhecimento podemos procurar formas mais elementares e até as mais complexas de entendimento da realidade externa e interna ao indivíduo, colocadas à disposição da humanidade pela história dos povos e de seus pensamentos, é que Freire (1983, p. 53) aponta que o indivíduo “na medida em que nasçam de um impulso livre, como resultado da captação crítica do desafio, para que sejam conhecimento transformado em ação. Deixarão de sê-lo à proporção em que expressem a expectativa de outros”.

Ressaltamos que a compreensão de cada experiência vivenciada por cada sujeito é única, e que é de suma importância se produzir o conhecimento individual e coletivo, e não somente uma produção desse conhecimento limitando-o, pois a grandiosidade da experiência está exatamente no poder de inovação e de sua recriação.

Nas palavras de Paulo Freire (1983, p. 48):

[...] que uma mesma compreensão da prática educativa, uma mesma metodologia de trabalho não opera necessariamente de forma idêntica em contextos diferentes. A intervenção histórica e cultural e política. É por isso que insisto tanto em que as experiências não podem ser transplantadas, mas reinventadas.

Observamos que para os adultos o conhecimento de mundo faz parte da realidade em que vivem, pois cada um tem a necessidade de comprovar o conhecimento em sua prática diária. Estamos constantemente aprendendo, interagindo com esse conhecimento em nossas relações sociais, pois esta é a dinâmica do conhecimento humano, a capacidade produtiva de cada um é condicionada, assim, por essa dinâmica incorporada no indivíduo.

Quanto à expressão que se tornou o método freiriano, Melo (1981, p. 23) afirma que:

As ideias de Paulo Freire ganham dimensão universal, sendo pensadas, discutidas, aplicadas e experimentadas em quase todos os países do Terceiro Mundo. Se elas têm na educação popular o seu núcleo referencial básico, não se pode ignorar que também repercutem em outros campos. Muitos analistas identificaram no pensamento de Paulo Freire as raízes mais próximas da Teologia da Libertação. E é ele também o inspirador de muitas das práticas de comunicação alternativa que ocorre nas áreas periféricas da América Latina.

O autor também chama a atenção para a grande contribuição da pedagogia freiriana na formação dos educadores e educandos, ressaltando sua teoria dialógica que permite ao educando uma visão crítica das práticas cotidianas e, ao mesmo tempo, tendo novas alternativas para elas. Paulo Freire adota a dialogicidade como essência da educação para a liberdade, prioriza o ato comunicativo e convida à participação ao diálogo.

Para Pavan (2008), a representatividade de Freire não só tinha vertente de um revolucionário em educação comprometido com a libertação dos oprimidos, suas lutas pela justiça social, transformação da educação, mas, também, porque sua pedagogia adquiriu um status legendário.

[...] começou como um meio de conferir poder a oprimidos camponeses brasileiros atingiu um status legendário através dos anos. Poucos educadores caminham tão sabiamente e com tanta determinação entre as fronteiras da linguagem e da cultura (PAVAN, 2008, p. 2).

Paulo Freire, na magnitude de sua vida, seus ensinamentos e seus pensamentos filosóficos, foi um intelectual que não teve sua vida passada em vão, deixando registrado na abertura do seu livro *Educação como prática da liberdade* que: “Não há educação fora das sociedades humanas e o homem não existe no vazio”, pois é essencial para o ser humano ter criticidade, a construção filosófica ou científica. Assim, o homem compreende que está inserido em uma cultura e isso o faz construir ligações à sua história de vida e fontes intelectuais, bibliográficas, formativas, filosóficas e científicas às quais ele tiver acesso. Essa é a base da pedagogia libertadora. Sobre esse pensamento Freire (1987, p. 32) afirma que precisa ser:

[...] aquela que tem que ser forjada com ele (oprimido) e não para ele, enquanto homens e povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará. O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação.

Em suas palavras, Freire não acredita nas coisas acabadas, prontas, definitivas, o ser humano, já que a educação, “[...] é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta

autorreflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a razão da educação” (FREIRE, 1983, p. 27).

No próprio ato da sua realização está a importância da experiência, ou seja, em seu poder de recriação, que se afirma quando Freire (2003, p. 114) destaca: “Mas o que é impossível é ensinar participação sem participação! É impossível só falar em participação sem experimentá-la. Democracia é a mesma coisa: aprende-se democracia fazendo democracia, mas com limites”.

De acordo com Gadotti (2001, p. 10), na realidade a questão é entendermos que Freire reconhecia a educação como ato político, de cultura: “A primeira aula de alfabetização em Angicos (Rio Grande do Norte) foi sobre cultura”, relembra o educador. A educação, a formação e até a alfabetização inicial precisam passar pela cultura, pelo reconhecimento do sujeito que conhece, que faz sua leitura do mundo. E é por ser cultural que a educação é política, não no sentido partidário, mas de decidir a vida na pólis (cidade), discutir a vida, o mundo que queremos.

Gadotti (2001) nos faz refletir quanto ao ethos freiriano, que não se encontra presente nas escolas atualmente. Estaria se tivéssemos uma educação participativa, democrática, em que a escola formasse para a cidadania, como está na Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 (LDBEN) - (BRASIL, 1996). Não é só formar para o trabalho na produção, mas para a cidadania, para que o povo participe da construção de uma nação. Ao invés de ‘basta de Paulo Freire’, precisamos de mais Paulo Freire para um país mais decente.

Ainda de acordo com Gadotti (2001), a educação deve ser vista como um dos elementos de uma cidade educadora, que prevê a educação integral, e não deve se referir só ao conhecimento e ao saber simbólico, mas também ao sensível, ao técnico. “A integralidade do saber é o tecido técnico, simbólico, político, cultural e implica também a politicidade do ato educativo. Ninguém nega que a educação supõe valores, princípios, ética. É isso que falta discutirmos na educação brasileira hoje”, constata Gadotti (2001, p. 12).

Dialogando com Paulo Freire: liberdade e democracia

A democracia é, como o saber, uma conquista de todos. O saber democrático jamais se incorpora autoritariamente, pois só tem sentido como conquista comum do trabalho do educador e do educando. Não é possível, dizia Paulo Freire (1983, p. 19), “dar aulas de democracia e, ao mesmo tempo, considerarmos como ‘absurda e imoral’ a participação do povo no poder”.

Uma das inquietações que mais apreendia Paulo Freire (1983, p. 20) era “uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política”, e esta define claramente os termos do

problema, é que “teria o homem brasileiro de ganhar esta responsabilidade social e política, existindo essa responsabilidade”, o saber democrático jamais se incorpora autoritariamente, pois só tem sentido como conquista comum do trabalho do educador e do educando (FREIRE, 1983, p. 19).

A contribuição de Paulo Freire também é de fazer pensar a educação a partir da política da liberdade e, quando inserida no contexto de opressão, radicalizá-la como uma práxis de superação de um sujeito historicamente oprimido, pois vimos em Freire muito mais do que um exercício da formação em liberdade, vimos a educação como uma práxis de libertação.

Destacamos que Paulo Freire ficou conhecido para além das fronteiras de seu país, tendo seu método de alfabetização de adultos desenvolvido uma pedagogia da libertação ou libertadora. De acordo com Feltrin (2017, p. 127), esse método consiste em “iniciar o processo de alfabetização pelo universo semântico conhecido pelos sujeitos. Encontram-se palavras geradoras que atravessam a vida cotidiana dos alunos e, a partir delas, desenvolve-se um processo de assimilação dos outros conteúdos”. Ou seja, é utilizado pelo educador um conhecimento prévio dos educandos para a construção de novos saberes.

Sendo assim, nossa prática cotidiana, assim como nossas reflexões, nos leva a compreender a dimensão da ação e da reflexão, pois não há palavra verdadeira que não seja práxis, vimos que não é no silêncio que o homem se faz, mas nas palavras, em sua ação e sua reflexão.

Freire (1983) aponta que os que se lançam na marcha da liberdade não se acomodam, não se ajustam à sociedade, mas a transformam e, nesta transformação, educam-se. Diante dessas conjunturas, observamos que se tem o início de um processo de humanização e libertação, vimos que a educação deve ser vista como prática dessa liberdade, já que nossa ação visa à convivência social, à cidadania e à tomada de consciência política.

Ao falarmos desse excepcional educador, é preciso reivindicar o lugar de Paulo Freire, como Gadotti (2001, p. 12-13) nos afirma “ele tem um lugar no mundo garantido pelo reconhecimento do seu trabalho, com contribuições na educação, nas artes, nas ciências e até na engenharia”. Arroyo (2000) vem acrescentar ao pensamento de Gadotti (2001) que “a radicalidade dele tem que ser entendida dentro de nossa história”.

Quando nos referimos à educação popular, pensamos em uma educação sob o conceito libertário e democrático, pensamos e lembramos de Paulo Freire, pois, para ele, a educação popular é importante porque reconhece as condições de vida, atua a partir da realidade, promove e organiza redes de apoio social que são fundamentais. Essa educação vem a se fortalecer como um

movimento e política pública, pois reconhece os saberes das classes populares e a construção democrática e compartilhada do conhecimento.

Prática educativa na visão do patrono da educação brasileira

Para uma educação cuja perspectiva seja progressista, ou seja, que aborde uma pedagogia progressista libertária, o sujeito é visto como produto social dentro dessa pedagogia de liberdade, os conteúdos estão sempre à disposição dos educandos para que obtenham conhecimentos de um todo, das matérias em si, sendo assim eles descobrem as respostas de suas necessidades. Não se trata de um ato de transmissão de conhecimentos, mas de uma criação de oportunidades para a construção dos saberes, representando um processo de formação, no qual o sujeito se torna protagonista de seu conhecimento, e ambas as partes desse processo passam por um aprendizado.

Assim, partimos do pressuposto em relação a um entendimento de construção histórica de mundo, de sociedade e de homem, tomando-a como possibilidade e não como determinação. Freire (2011, p. 30) nos explica que:

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar.

Ao nos remetermos ao processo de humanização destacado por Freire (2011), nos colocamos em um caminho oposto à opressão, à barbárie e à violência, caminhamos para uma busca da emancipação dos sujeitos históricos e na possibilidade de democratização da sociedade brasileira. A respeito da democracia, em *Educação na Cidade*, Freire (2001, p. 136) alerta que:

[...] é impossível atravessar a estrada do aprendizado da democracia, de como fazer democracia sem confrontar basismo e elitismo, expressões vivas em nossas tradições autoritárias. E nós estamos ainda no processo de aprender como fazer democracia. E a luta por ela passa pela luta contra todo tipo de autoritarismo.

Em uma das práticas educativas destacadas em *Pedagogia da Autonomia* (1996), Freire discorre sobre como os professores devem ensinar os alunos, criando ao contexto uma ação transformadora. Para isso, ele explana sobre a ética crítica, a competência científica e a amorosidade autêntica e, com base em um envolvimento político, esboça o quanto é importante uma boa formação do educador e como uma boa relação com o educando é importante. Nas palavras de Freire (1996, p. 37):

Quanto mais penso sobre a prática educativa, reconhecendo a responsabilidade que ela exige de nós, tanto mais me convenço do dever nosso de lutar no sentido de que ela seja realmente respeitada. O respeito que devemos como professores aos educandos dificilmente se cumpre, se não somos tratados com dignidade e decência pela administração privada ou pública da educação.

Sobre a pedagogia pautada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando associando a sua prática docente, em sua obra, o educador Paulo Freire (1996, p. 53) afirma:

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam.

Destacamos que a prática educativa necessita ter os sujeitos envolvidos, “um, que ensinando, aprende, outro, que aprendendo ensina”. Isso nos mostra que deve existir relação entre a aprendizagem e o ensino. De acordo com Freire (1996, p. 28):

Creio poder afirmar, na altura destas considerações, que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdo a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra.

Assim, observamos que a prática educativa não existe, se ela não for, ao mesmo tempo, uma certa teoria do conhecimento colocada em prática, então, não há prática educativa que não seja uma experiência em relação ao conhecimento, pois toda prática educativa envolve um ato de conhecimento. Quanto a essa observação vimos que a produção do conhecimento não é neutra, ou seja, quando você conhece, você está produzindo um conhecimento a serviço de alguma coisa, a serviço de algum sonho, a serviço de algum estilo de vida.

Constatamos como é de suma importância a educação como forma libertadora e emancipatória, visto que ela pode proporcionar a libertação, principalmente no que tange a uma educação que se concilia nesse sonho maravilhoso de que nós participamos como sujeitos históricos, o sonho de permear a prática educativa da iluminação científica, pois, quanto mais possamos fazer isso dentro do chão da escola, na escola primária e na universitária, melhor será a forma de compreendermos essa forma de mudança.

Outro aspecto que não podemos deixar de citar quanto à prática educativa é o objetivo ou o sonho com relação ao amanhã, que deve estar munido de um conjunto de valores éticos, morais

e intelectuais que almejamos como educadores. Vimos que a prática educativa implica métodos de trabalho, em que o processo de conhecer é exigido. Um ponto importante é que ela não pode deixar de ter método, além do método, temos que colocar a práxis nos processos, técnicas, visto que esses componentes são constituintes da prática educativa. Sobre isso, Freire (1987, p. 97) afirma que precisa ser:

Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispusesse a constantes revisões. À análise crítica de seus “achados”. A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão. Que o identificasse com métodos e processos científicos.

Resta claro que Freire muito contribuiu e ainda contribui com seus pensamentos, pois temos que esperar dias melhores mesmo diante da adversidade que vivenciamos. É necessário estar sempre atentos e vigilantes na defesa de suas ideias, já que é um dos autores mais citados mundialmente, e cabe a nós manter esse legado de justiça social em defesa dos oprimidos durante as próximas gerações.

Considerações finais

A partir das reflexões apresentadas neste estudo acerca do conceito de liberdade e democracia, liberdade entendida como construção de emancipação, ou seja, princípio da emancipação humana, retomamos os questionamentos, apontados inicialmente, sobre a ideia de liberdade. Pensamos que essa ideia se relaciona com uma noção sobre o próprio ser humano e suas múltiplas potencialidades, sobretudo com as práticas libertárias que a educação popular pode contribuir para a formação dos sujeitos. O olhar da liberdade que essa pedagogia nos mostra é exatamente a que concede uma percepção a uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos sujeitos envolvidos.

Sendo assim, a consciência e participação de Paulo Freire (2011) nos mostram que a leitura do mundo antevê a leitura da palavra, a leitura do mundo compreende a experiência de vida individual humana, e a leitura da palavra se refere à incorporação de significantes a significados preexistentes, comuns no processo de escolarização.

Verificamos de fato que o mundo foi atacado por um vírus, um vírus que nos permitiu parar, acordar, olhar, refletir, e constatar que desconhecemos, acima de tudo, a história da vida na Terra, especialmente a do homo sapiens, tanto quanto a pandemia viral. É o que nos faz ressoar

no momento atual, em relação à educação, mas, sobretudo, o pensar em uma educação dirigida aos excluídos sociais, assegurando-lhes compreender a sua própria historicidade.

A situação de singularidade que estamos vivendo nesse momento trouxe para os educadores um vasto e enorme desafio, sua imagem de resistência. Poderíamos arriscar dizer que todos estavam na mesma tempestade, porém em embarcações diferentes durante o período da pandemia de Covid-19.

Destacamos que tudo ocorreu de forma muito rápida e suscitou adaptação na área da educação, haja vista que houve uma grande transformação em tudo o que foi planejado para o ano de 2020, e o maior desafio foi levar à sala de aula virtual, por meio da tecnologia, tudo o que era proposto em sala de aula presencial.

Nessa situação de desafio e adaptação, observou-se que houve grandes dificuldades dos professores para conseguir levar os conhecimentos aos alunos, bem como se instalou uma angústia pela necessidade em se adaptar a essa nova realidade marcada, sobretudo, pela incerteza do futuro e pelas desigualdades sociais no acesso ao conhecimento.

Ao nos aprofundarmos sobre a educação que visa ser libertadora, na qual a relação do educador com o educando é constante e a troca de experiências tem muita relevância, observamos que isso foi impossibilitado pela forma de ensino remoto.

Diante desses desafios, nos perguntamos qual seria o pensamento de Paulo Freire (1983) sob o conceito de liberdade e democracia em tempos como o que enfrentamos hoje. Sabemos que as experiências e os ensinamentos de Paulo Freire são um instrumento de mediação da educação, na qual está se dá de forma mútua, não existindo o detentor do saber, a cultura da sociedade em que o educando está inserido é respeitada, como também os seus conhecimentos prévios são considerados. Segundo Xavier, Ribeiro e Noronha (1994, p. 216), “nessas experiências de cultura popular, Paulo Freire, educador pernambucano, teve um importante papel dentro de uma concepção de educação como prática da liberdade”.

A partir das leituras realizadas, restou claro que os vários autores pesquisados foram/são fundamentais para ampliar a compreensão e importância do legado de Paulo Freire para o pensamento educacional brasileiro, desde a concepção da liberdade e democracia até a defesa incansável das camadas populares que ele aponta como oprimidos.

Por fim, valorizar Paulo Freire nos dias atuais é uma missão, já que seus estudos são referência mundial, através de seu método de alfabetização, que valoriza a cultura e a experiência das pessoas, o que o torna revolucionário e respeitado.

Referências

- ARROYO, Miguel. *Ofício de Mestre*. Imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é o método Paulo Freire*. 24. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal - Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei n. 9.394/96. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: set. 2022.
- FELTRIN, Tascilei. *Educação Popular no Brasil: forças que concorreram para a formação da Escola Nacional 174 f.* (Dissertação de Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, 2017.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática para a liberdade*. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *A educação na cidade*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Medo e Ousadia. O cotidiano do professor*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GADOTTI, Moacir. *Um Convite a leitura de Paulo Freire*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2001.
- GHIGGI, Gomercindo; GONÇALVES, Jussemar. O público e popular na história da educação brasileira: Cachoeirinha/RS e Pelotas nos anos 80. In: *REUNILÃO ANUAL DA ANPED*, 26., Poços de Caldas, 2003.
- MELO, José Marques de. A comunicação na pedagogia de Paulo Freire. In: *Comunicação e Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 23-51.
- PAVAN, Ruth. A contribuição de Paulo Freire para a educação popular: uma análise do GT de Educação Popular da Anped. In: *REUNILÃO ANUAL*, 31., Caxambu, 2008. *Anais [...]* Caxambu.
- XAVIER, Maria Elizabete; RIBEIRO, Maria Luísa; NORONHA, Olinda Maria. *História da Educação: A Escola no Brasil*. São Paulo: FTD, 1994.